

BIOGRAFIA: QUEM TEM MEDO DA FICÇÃO

Marília Rothier Cardoso

UERJ — Letras

MORAIS, *Fernando*. Olga — 10.^a ed. São Paulo, *alfa-Omega*, 1986.
SOUZA, *Márcio*. O brasileiro voador. Rio de Janeiro, *Marco Zero*, 1986.

Uma vez, o inventor Santos Dumont encontrou a líder comunista Olga Benario. Ela olhou de soslaio a elegância excêntrica daquele herdeiro do latifúndio escravocrata. O homem pequeno de chapéu de abas moles mal se deu conta de uma outra presença — mulheres, mesmo bonitas, pouco lhe interessavam — mas cumprimentou a moça, por polidez. Uma observação desta sobre o descaso dos brasileiros influentes pela pressão de seu povo recebeu daquele uma resposta mecânica. Retórica política o entendia; porém, era necessário ser amável em sociedade. Que língua falavam? Talvez o inglês dos “best-sellers”. Sua rápida entrevista deu-se numa dessas páginas onde livros são recomendados para presentes de fim de ano, entre os mais vendidos e os lançamentos promissores.

Personagens da primeira metade do século, a máquina da propaganda apanhou Olga e Petitsantôs para fazê-los reviver em letra impressa, preparando seu sucesso nas telas. Bela, revolucionária e injustiçada, ela foi perfeitamente adaptada ao padrão de consumo dos que buscam aventuras e a ilusão das utopias passadas. Ele, já cristalizado em estátuas e nomes de aeroportos em declínio, não recebeu o tratamento adequado à superprodução. Escolheu-se compor sua imagem literária com as marcas atribuídas ao modelo: pequena estatura, modos estravagantes e diletantismo. Com tal recorte, parece dirigir-se, antes, a um público de desencantados, discrepantes no ritmo pós-industrial deste fim de século, facilmente seduzíveis pelo brilho (falso) do outro.

O encontro fortuito e desconcertante de Olga Benario e Santos Dumont suscita considerações para além da solução cômoda da casualidade. A sociedade de massas avançadas produz ídolos que duram um dia e têm de ser substituídos de imediato. Esgotando-se fontes convencionais de heróis, estes passam a ser buscados nos contextos mais diversos. Mas o interesse crescente, no Brasil das últimas décadas, pelas vidas de indivíduos — na forma de memória e interpretação de perso-

nalidades da história — pode revelar um duplo e contraditório movimento da cultura nas sociedades periféricas. Se se imita, nas proporções possíveis, a máquina americana de construção de ídolos (*Olga* é uma reportagem sofisticada; *O brasileiro voador* já se apresenta como roteiro para filme), atende-se, por outro lado, a um impulso de descobrir o passado para construir a nação — impulso que o primeiro mundo experimentou nos oitocentos.

A reportagem-biografia de Fernando Morais, composta conforme a técnica do “best-seller”, centra-se numa figura política, que responderia a demandas dos revolucionários anos sessenta, que se acreditava hoje esgotadas. No entanto, a história da líder comunista, que foi mulher de Prestes, quando este fez abortar uma revolução dirigida por Moscou, tornou-se leitura extremamente popular durante meses e anuncia-se como filme de garantido sucesso. Cabe perguntar: as técnicas da propaganda atual, ao tornarem Olga novamente sedutora, nivelam valores marxistas a expectativas do consumo capitalista ou os brasileiros é que não esgotaram, ainda, seu fascínio pelas utopias políticas, sejam elas de esquerda ou direita?

A escolha de Santos Dumont como assunto de biografia pode corresponder a um interesse do movimento ecológico, que enfatiza o aspecto artesanal e individualizado das experiências aeronáuticas culminadas no “14-bis”. Mas não é só isso. A redação do texto aponta para uma questão trabalhada pelos modernistas — a leitura crítico-saudosista do esplendor da “belle-époque”, apagado pela primeira Guerra. Esse uso do humor parodístico, resultante da montagem cubista de fragmentos “ready-made”, revela o esgotamento do Modernismo demonstrado por sua reduplicação em pastiche? Ou o ciclo modernista ainda não se fechou e a utópica antropofagia andradina ainda tem força produtora?

Perguntas não se respondem sem alguma perspectiva. Vale dar um tempo para reflexão e considerar que, ao lado de seu valor como metonímias de nosso estágio cultural, os livros, em questão, trazem um sentido particular, que os distancia no espaço-tempo comum ocupado por eles.

A começar do título, passando pelo subtítulo classificador de gênero e tema, *Olga* elege o padrão da objetividade jornalística, que almeja a fidedignidade de fonte histórica. Em sua composição, aprecia-se o trabalho exaustivo de entrevistas e pesquisas a arquivos nacionais e principalmente estrangeiros, que resultou em abundante conjunto de informações sobre as atividades políticas no Brasil e fora dele, entre as duas guerras. Mas não se pode deixar de discutir a pretensa objetividade do relato, pois este segue a trajetória tradicional de nascimento, paixão e morte da heroína, adaptada às exigências de economia narrativa e de riqueza de pormenores necessários à verossimilhança. Não minimizando o esforço do autor e seus colaboradores, causamos espanto a proeza de tirar de uma figura, de passagem rápida e im-

portância secundária na história brasileira, uma personagem redonda, coerentemente revelada em toda sua complexidade — desde as crises de adolescência em família, até os carinhos da maternidade e o poder de liderança na prisão. Uma caracterização tão completa quanto fascinante resulta, sem dúvida, da combinação — conforme doses prescritas por biógrafos experimentados — de informações e imaginação, de forma que esta preencha sutilmente as lacunas daquelas. Guiando o movimento construtor da vida de papel, o senso de medida do escritor realista evita incoerências e discrepâncias, em direção ao epílogo glorificante. De tão próxima e conveniente, *Olga* — e o título do livro, propositalmente, se limita ao primeiro nome — ganha a distância das heroínas ficcionais. Estamos quase a vê-la, encarnada por uma bela atriz de olhos claros, deslocando-se ao som de hinos cívicos como música de fundo.

Não há nada contra a personagem de ficção e todos nós da geração que se lembra vagamente da execução de Olga Benário, ainda, apreciamos certo “glamour” hollywoodiano. O que se recusa é a proposta de apresentação do texto: “A reportagem que você vai ler agora relata fatos que aconteceram exatamente como estão descritos neste livro (. . .)”

“Este livro não é a *minha versão* sobre a vida de Olga Benário ou sobre a revolta comunista de 1935, mas aquela que acredito ser a *versão real* desses episódios”. Tomar a escrita pela vida e dirigir o leitor à aceitação incondicional de afirmativas é fazer o velho jogo de escamotear o imaginário. Reportagens de impacto pretendem preencher as falhas da história oficial, mas acabam apenas como concorrentes de seu discurso dogmático.

O conceito de biografia como conjunto de dados exaustivos sobre determinada pessoa, apresentados de forma a sentá-la ao lado do leitor, no sofá de sua própria sala, só foi levado em conta por Márcio Souza para ser negado enfaticamente. O autor desse “romance mais-leve-que-o-ar” começou por escolher o caminho da ficção. Aproveitando — na esteira machadiana das memórias fantásticas e crônicas inventadas — para lançar dúvidas sobre a fidelidade da história, Márcio Souza toma como ponto de partida o gesto de seu biografado de atear “fogo aos papéis que guardava”. Em seguida, generaliza a atitude, lembrando Rui Barbosa ao destruir os arquivos da escravatura. Na duplicidade de sentido evocada em tais fogueiras o ficcionista apóia sua exigência de liberdade. Distante do repórter — possivelmente o narrador típico de nossa época — e despreocupado de sua função de roteirista de cinema, o autor dá asas (valendo o trocadilho) a sua formação de romancista.

A narrativa vai-se compondo de citações, paródias e pastiches, em evidência explícita do modelo osvaldiano, já experimentado em *Galvez, imperador do Acre*. Sem apresentar a lista de arquivos e bibliotecas consultados, *O brasileiro voador* resulta de uma pesquisa tão ex-

tensa quanto a de *Olga* na obra de Proust, Joyce, Oswald, Machado, no folhetim oitocentista, no conjunto verbal e iconográfico que retrata a virada do século aquém e além mar. Se não há preocupação — antes pelo contrário — em reconstituir factualmente a vida de Santos Dumont, domina o enfoque crítico que busca captar, o mais rigorosamente possível, o valor das invenções de Petitsantôs no contexto das diferentes tentativas aeronáuticas e o significado da atividade isolada com finalidade esportiva, desenvolvida pelo brasileiro na França.

Para o fim desejado, a narrativa ágil, em flashes rápidos, com descrições sedutoras tanto de cenários requintados quanto de incidentes pitorescos, logra corresponder à agitação e brilho fúteis daquele “fin-de-siècle”. A marcação é de “vaudeville”, quando muito de opereta com cenas formadas por clichês. Para extrair maior rendimento semântico desse comportamento ficcional propositalmente artificioso, espera-se a proliferação das referências de sentido duplo, dos trocadilhos, das apropriações, das situações típicas caricaturadas. Esse discurso acumulativo, beirando o excesso, sem perder a leveza e a oportunidade na distribuição dos cortes, evita o efeito simplificador do folhetim e garante a quebra dos estereótipos e a permanência de dúvidas — dúvidas indispensáveis à invenção. Quando nada, a história de inventor tem de ser inventiva.

Não é provável que o Brasileiro Voador e *Olga* voltem a encontrar-se. Seus caminhos de perseguir o sucesso ficam bem distantes um do outro. Detentor de prêmios e “livro do ano de 1985”, a vida de *Olga Benario Prestes* esperou sem dificuldades, na lista de mais vendidos, pelo lançamento do “romance mais-leve-que-o-ar” para compor o número de sugestões apresentadas nas livrarias, no Natal de 86. *Olga* deve continuar com novas edições, especialmente quando for para as telas. Aí então é que o grande público que busca heroínas *de verdade* se deixará levar por seu encanto sob medida.

Com um desvendamento tão completo da vida de um de seus participantes, será fácil acreditar que se passou a conhecer a encoberta história da chamada intentona de 1935. Esses leitores felizes de uma reportagem fluente, cheia de suspense, estarão esquecidos de que 35 não passou de um blefe por interesse da polícia e que discursos produtores de trajetórias triunfais servem a qualquer forma de autoritarismo.

Para tornar-se “mais-leve-que-o-ar” o veículo romanesco da vida e invenções de Santos Dumont abriu mão da eficiência dos aviões, para fazer-se à semelhança dos balões em sua elegância rigorosa e anacrônica. Não há muitas indicações de que os passageiros exigentes de vôos supersônicos já se tenham tornado críticos da velocidade e das vantagens do lucro rápido. O encanto da narrativa fragmentária, cheia de referências, dificilmente os cativará. O prazer do humor resulta mais difícil que o dos lances trágicos. Nem todos terão paciência de esperar

para rir por último. Voltado para uma forma menos instantânea de sucesso, o romance de Márcio Souza parece ter conseguido feito equivalente ao de seu personagem — a ascensão brilhante e fugaz, sem grandes resultados práticos. Se a queda é inevitável, que se atente para a elegância da subida. . .